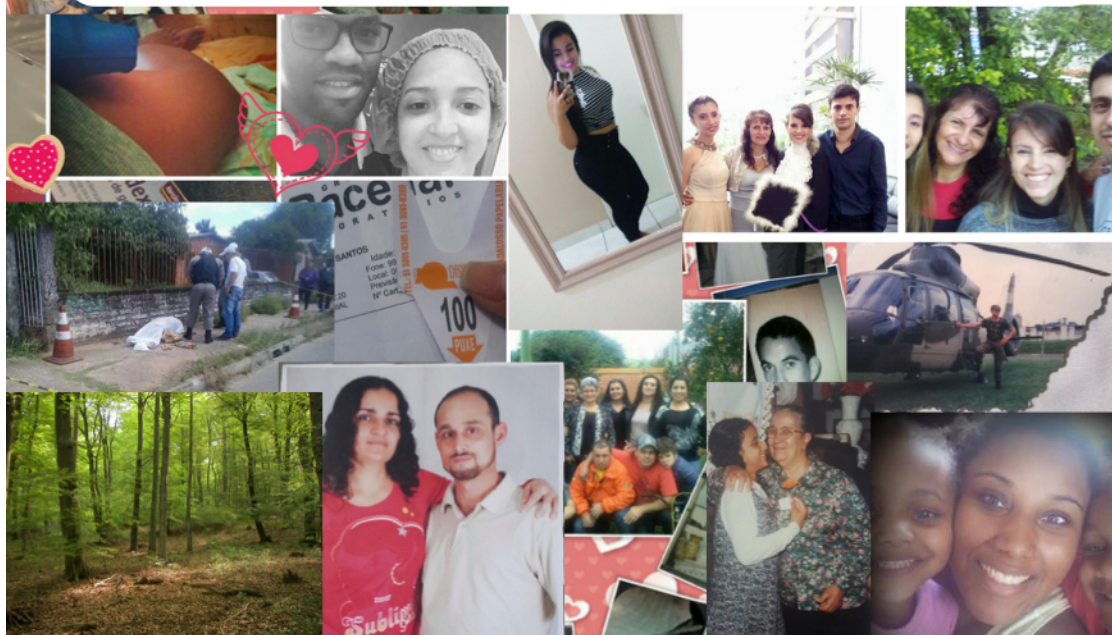




HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Apresentação

Histórias que merecem ser contadas: IFSUL/Sapucaia do Sul e EJA

Empoderamento de mulheres e de homens - 20 anos sem Paulo Freire, 10 anos de PROEJA-

“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.” Paulo Freire

O IFSUL/campus Sapucaia do Sul, no ano de 2017, possui dois destaques a festejar: os vinte e um anos de sua inauguração como Unidade da então Escola Técnica Federal de Pelotas, no mês de fevereiro, e os dez anos da criação do Curso Técnico em Administração, na modalidade Educação de Jovens e Adultos - o PROEJA.

Muitas já foram as gerações que frequentaram os cursos oferecidos pela Instituição. É comum encontrar, ao longo dos anos, nas salas de aula, pessoas da mesma família - mães, filhas, filhos, tias, tios, primas, primos, pais e avós. O PROEJA, nestes dez anos, trouxe mais diversidade para o campus Sapucaia do Sul e fortaleceu o papel social dos Institutos Federais, oportunizando a escolarização e o empoderamento para jovens e pessoas adultas que não completaram o ensino médio na chamada “idade regular”.

O Curso Técnico em Administração fortalece a presença, no campus Sapucaia do Sul, de diferentes gerações da comunidade do Vale do Sinos e região. Também são parte desta história as trajetórias das educadoras envolvidas no projeto desta Coleção, que ganha mais um volume. Este ano nasceu Filipe, filho da professora Suzana Trevisan, idealizadora do “Histórias que me-

recem ser contadas”. E assim, o “bastão” da coordenação educativa deste livro está com a Profa. Débora Abreu, egressa desta Casa, onde fez o ensino médio. Uma feliz coincidência que uma ex-aluna do IFSUL/CEFET- RS materializa, com a atual turma 4F, através de histórias de suas vidas nas páginas que seguem. São gerações/vidas que tecem as trajetórias deste campus e do Brasil, que clamam por mais justiça e equidade. É o PROEJA em Sapucaia do Sul, e são os Institutos Federais cumprindo seus papéis de levar mulheres e homens que foram excluídas e excluídos do sistema regular de ensino a conhecer literatura, novas reflexões e ações, e realidades tradicionalmente não incluídas no nosso país, como a de escrever e editar livros.

15 de julho 1955

15 de julho aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi em 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.

Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. À noite, o peito doía-me. Comecei a tossir. Resolvi não sair à noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho [...]

- Carolina Maria de Jesus em “Quarto de despejo. Diário de uma favelada”.

Em 2017, duas outras datas possuem força edificante: a recordação dos legados de Paulo Freire e Carolina Maria de Jesus. Ela nos deixou há quarenta anos e ele, vinte. Um homem, grande inspirador da Educação de Jovens e Adultos no Brasil e em muitas partes do mundo, e uma mulher, poeta e escritora, que inspira mulheres e homens a escrever, mesmo vivendo na pobreza e com pouca escolarização. Carolina e Freire nos ensinam que ler e escrever liberta!

Obrigado Débora, mãe de Joaquim. Obrigado Suzana, mãe de Leonardo e Filipe. Vocês materializam, como professoras, a Educação por um mundo com mais equidades!

Obrigado mulheres e homens da turma 4F - 2017/01, mostrando aqui que os desafios de Carolina Maria de Jesus e Paulo Freire são possíveis de materializar!

Maio de 2017.

Guilherme Reichwald Jr.

Professor do Curso Técnico em Administração
PROEJA - IFSUL- Sapucaia do Sul

Sumário

- 6 *Albertino Nunes da Silva* - A trajetória de uma vida
- 7 *Betielle Cardoso de Oliveira* - Um lar de verdade
- 8 *Carina Nunes* - Um lindo anjo
- 9 *Caroline Machado dos Santos* - Incompleta
- 11 *Daiane Cardoso Flores* - História de vida
- 13 *Dária de Lourdes Niche de Oliveira* - Lição a ser seguida
- 14 *Elenira Jéssica Pereira* - Quero tê-la em meus braços
- 17 *Esdras Santana da Silva* - De Goiás para o Rio Grande do Sul
- 18 *Fátima Elaine Borges Moraes* - Motivação
- 19 *Franciele Lopes* - Como a vida muda
- 20 *Gilnei Rodrigues* - Amor maior do mundo
- 22 *Giovana Maciel* - Bodas de prata
- 23 *Jane de Freitas Bitencourt* - Acontece
- 24 *Jeanine Moraes* - Ser mãe
- 25 *Josilene Cruz de Santana* - Mensagem aleatória
- 28 *Jusseli Andréa Lasta* - Minha história de amor

Sumário

- 29 *Kathleen Fagundes Carvalho* - Tudo tem seu tempo
- 30 *Kethlyn Luísa Massena Patrício* - Alguns anos atrás
- 31 *Luís Roberto Echamende* - O velho Santana
- 32 *Márcia Regina de Borba Ajalla* - Amor eterno
- 34 *Marco Aurélio Silva de Castro* - O susto
- 35 *Maria Aparecida Leocádio* - Meu pai
- 36 *Natália da Rocha Domingues* - Nova vida
- 37 *Patrícia Tiele Oliveira Dias* - O grande dia
- 39 *Sandra Silveira* - Sexta-feira treze
- 40 *Thayanne Silva Haigert* - Meu primeiro emprego
- 41 *Ynaê Frando Botelho* - Sim, depressão mata

A trajetória de uma vida

Albertino Nunes da Silva



Aos doze anos, em 1986, quando eu deveria estar pensando em estudar, fui em busca de uma oportunidade neste mundo de incertezas. Por morar em uma família com muitos irmãos e por meus pais não terem estudo, eu tive que trabalhar mais cedo.

Tudo começou em um frigorífico, onde trabalhei por quatro anos. Contudo, eu não estava satisfeito e saí à procura de uma nova colocação. Através do conhecimento que adquiri, consegui um novo emprego em um supermercado, ficando lá até meus 18 anos.

No entanto, eu precisava sair do interior para tentar novas conquistas. Eu desejava integrar as forças armadas. Almejava o exército como uma forma de crescer na vida e vencer.

Assim, em março de 1993, ingressei na carreira militar, onde tive nove anos de grandes conquistas e sonhos realizados. Através do exército, conquistei grande parte do que tenho, pude adquirir uma casa, um carro e manter minha família.

Sou muito grato por tudo que aprendi nos anos que servi à nação brasileira. O exército me deu oportunidade de conhecer outro país e outras culturas. Além de tudo, consegui realizar um grande sonho, que, se eu estivesse morando no interior, jamais realizaria: voar e atravessar a fronteira de nosso país a bordo de uma aeronave de combate das forças Armadas.

Hoje há o arrependimento apenas por não ter ouvido conselhos de pessoas que tentaram me ajudar, sugerindo que eu não deixasse de estudar e procurasse novas oportunidades de trabalho. Parecia que eles estavam prevendo o que iria acontecer. Completado o tempo de serviço militar, eu não consegui a estabilidade tão sonhada. Tive que voltar ao mercado de trabalho, passando por várias empresas. Neste momento, atuo na construção civil durante o dia e, à noite, estou dentro da sala de aula em busca de uma formação curricular.

Um lar de verdade

Betielle Cardoso de Oliveira



Aos nove anos de idade, eu era uma criança sozinha, sem o amor e o cuidado de uma família, sem ter um lar de verdade. Foi então que eu fui levada por meu pai, que não podia me cuidar, para a casa de minha avó paterna.

Eu lembro bem desse dia, não sabia aonde estava sendo levada, não sabia se teria uma cama para dormir, alguém que realmente cuidasse de mim, que me desse amor e carinho.

Quando chegamos na casa da minha avó, eu me assustei, pois ela morava em duas peças apenas, um quarto de casal e uma cozinha, o banheiro era fora da casa. Então eu pensei: “onde irei dormir?”. Eu chorava muito, queria

ficar com meu pai, mas ele não podia cuidar de mim naquele momento.

No entanto, eu fiquei e tudo se ajeitou: uma cama de molas que abria e fechava foi providenciada, assim eu já teria onde dormir, já tinha um lar de verdade. Roupas novas foram compradas, as doenças que eu tinha foram tratadas, o vazio que existia foi preenchido pelo amor e cuidado da minha avó. E, se hoje sou alguém, agradeço muito a Deus por ter me levado até ela e me dado um lar de verdade.

Um lindo anjo

Carina Nunes



Há pouco tempo atrás, tivemos uma notícia que mudaria a vida de toda a família. Certo dia, minha cunhada, que frequentemente faz doações para instituições carentes, foi até a Casa de Passagem levar suas doações para as crianças. Chegando lá, se deparou com uma menina que tinha meses de vida e uma semelhança enorme com meu

irmão. Curiosa, perguntou para as tias que cuidam das crianças sobre aquela menina. Então ficou sabendo que a criança era filha da ex-mulher de meu irmão, a qual estava presa. Assim, não restaram dúvidas: aquela menina era nossa sobrinha.

Em seguida, fomos em busca de maiores informações e descobrimos coisas horríveis sobre a mãe da criança. Ela havia co-

locado fogo no chiqueirinho com seu outro filho dentro, o que fez com que a criança tivesse queimaduras graves. Quanto a seu outro filho mais velho, ela o queimava com cigarro e, além disso tudo, era usuária de drogas. Evidentemente, procuramos um advogado para ter a guarda da menina, mas o tempo ia passando e nada se resolvia. No entanto, não aguentávamos mais essa situação, pois aquele anjinho tinha uma família e não podia mais ficar naquele lugar.

Foi então que procurei a filha de um colega, que é do Conselho Tutelar, expliquei a situação e rapidamente ela nos ajudou, agilizando o exame de D.N.A. Desse modo, em dois ou três meses, estava tudo resolvido.

Finalmente, após quase um ano de luta, nossa princesinha veio para casa. Aquele anjinho era tão pequenino, mas, ao mesmo tempo, tão linda, que conquistou a todos. Meu irmão logo se casou com uma moça, que, ao contrário da primeira, vale ouro. Ela é uma pessoa sensacional, carinhosa, bondosa, que acolheu minha sobrinha como se fosse sua filha, dando todo o amor que uma verdadeira mãe deve dar para seus filhos.

Não sabemos mais viver sem esse anjo que Deus nos presenteou. Ela é com certeza a alegria de nossas vidas.

Incompleta

Caroline Machado dos Santos

Quando se inicia um namoro, imaginamos construir uma família. Pode ser uma família de poucos filhos, mas que seja construída de pai, mãe e filho. Por enquanto, comigo, essa etapa está sendo bem mais lenta.

Desde cedo, sempre senti muitas cólicas menstruais. E, com o passar do tempo, fui descobrindo que essas dores não eram nor-



mais. Procurei vários médicos e todos me diziam que as dores eram bobas e que, se eu tomasse a medicação, tudo se normalizaria. Com os anos, as dores foram aumentando. Dores que mensalmente me ausentavam do trabalho. Comecei a insistir com exames, ressonâncias, ecografias e a aumentar a lista de

médicos que visitava. Aos 25 anos, fui diagnosticada com endometriose.

Naquela época, não havia muito esclarecimento sobre a doença, praticamente não havia discussões sobre o assunto. Descobri que essa inflamação poderia aumentar com o passar dos anos e que, se não fosse tratada, eu poderia ficar estéril. Foi quando minha ficha caiu, e eu iniciei inúmeros tratamentos, porém sem sucesso. Desde tratamentos orais e injetáveis até cirurgias... Tratamentos que vêm mudando a cada mês o meu corpo, mas hoje esse detalhe não importa.

Os anos se passaram, mas minha luta continua mensalmente. Meu relógio biológico pede que eu me torne mãe, e esse é o meu sonho. Sonho que é dividido com meu amigo e companheiro Eduardo, com meus familiares e amigos. Cada ciclo que se fecha é muito doloroso psicologicamente, mas temos que seguir em frente e alcançar nossos objetivos. E o nosso objetivo é deixarmos a nossa semente...

História de Vida

Daiane Cardoso Flores



Minha história começa na minha infância, uma parte da minha vida em que fui muito feliz, mesmo passando por dificuldades e tendo que trabalhar vendendo leite.

Já na adolescência, conheci um menino por quem me apaixonei perdidamente, tinha certeza que ele seria o pai dos meus filhos. Então começamos a namorar e, alguns anos depois, nos casamos. Foi uma cerimônia muito simples, mas foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Antes de nos casarmos, já tínhamos nossa casinha, que, com a ajuda dos tios e amigos, conseguimos montar e deixar do jeitinho que sonhávamos. Ela tinha apenas duas peças, e lá passamos por poucas e boas. Um dos dias que lembro bem foi quando cheguei em casa e avistei um ladrão saindo pela janela. Entramos em casa e não havia mais nada, somente a televisão.

Logo depois que casei, recebi a grande notícia de que estava grávida. Jurava que eram gêmeos, mas ninguém acreditava. Naquela época não existia ecografia, a não ser para ricos. Cinco meses depois, quando estava prestes a dar à luz, descobri que realmente eram gêmeos. Infelizmente, nasceram antes do tempo e acabaram falecendo. Eram dois meninos e foram batizados como William e Guilherme.

Na ocasião, fizeram muitos exames e um estagiário suspeitou de placenta muito desenvolvida. Na segunda gravidez, perdi o bebê novamente com cinco meses e vinte oito dias. Era outro menino. Somente nessa gravidez souberam me dizer o problema

que eu tinha, que era realmente o que aquele estagiário tinha dito.

Então, os médicos me disseram que poderia sim engravidar novamente, mas que teria que fazer um tratamento em um hospital de Porto Alegre, pois lá teria os recursos necessários.

Assim, consegui ter meu sonhado filho, David, que nasceu de oito meses, muito lindo e saudável. Hoje ele é um homem com dezessete anos, me dando um imenso orgulho. Após cinco anos, tive mais um filho homem, Dhomini, que também nasceu de oito meses e hoje está com treze anos. Para mim, ele é o melhor lutador de taekwondo. Depois de algum tempo, tive mais uma gravidez. Dessa vez, a minha tão esperada princesinha, mas, infelizmente, ela não resistiu e, com seis meses, veio a falecer.

Quando eu já estava realizada com meus dois filhos, sem ao menos esperar, Deus me abençoou com mais uma gravidez. Era outro filho homem, Diego, que hoje está com seis anos. O que eu sempre digo é que ele foi um presente do Papai Noel, pois era para nascer no dia vinte e cinco de dezembro, mas não foi possível nascer nesse dia, pois havia muitas emergências no hospital. Então ficou para o dia vinte e seis.

Hoje só tenho a agradecer a Deus por essa vida, porque, apesar de tudo, Deus sempre está me dando motivos para sorrir e nunca me deixar abalar. Posso afirmar que sou uma mulher totalmente realizada com meu marido e meus três filhos, sem contar os meus oito filhos e filhas emprestados, aqueles que eu adotei com o coração, que eu amo igualmente como se fossem meus filhos de sangue. E aquela mulher que teve que ser guerreira para conseguir ter um filho hoje tem muitos, sua casa está sempre cheia e repleta de amor.

Lição a ser seguida

Dária de Lourdes Niche de Oliveira



Meu segundo filho, por ser cardíaco, sempre foi menor que as outras crianças e mais retraído. Na escola, sofria bullying pelo seu desenvolvimento ser diferente. Mas, desde o início da fase escolar, sempre gostou de contar histórias, o que nos rendia várias brincadeiras. Um começava a contar uma história e

o outro continuava, gerando, assim, histórias longas de começar em um dia e continuar no outro.

Na segunda série, já escrevia longos textos que me impressionavam e que eu levava para minhas colegas de serviço lerem. Como sua letra era horrível, eu comprava cadernos de caligrafia para ele escrever suas histórias. O sonho dele era ser escritor.

Quando ele tinha dez anos, fomos morar em Porto Alegre e ele estudou em uma escola estadual, pertinho de nossa casa. Nessa escola, ele era rejeitado pelos professores devido à sua aparência frágil, sendo que não deixavam nem ele fazer educação física por causa de sua estatura.

Lá ele escreveu uma história que consumiu cinco cadernos de caligrafia, e fomos mostrar à direção para ver se tínhamos apoio. Lembro-me até hoje da reação da diretora: pegou os cadernos, nem os abriu, olhou por cima e os jogou na mesa dizendo:

- Isto não serve para nós.

Ficamos muito tristes, mas não deixei meu filho desanimar.

Em 1996, devido a uma gravidez de risco, viemos para nossa cidade atual, São Leopoldo. Ele estava então com onze anos. Ao chegar na escola, a professora de português da quinta série adorou os seus textos e organizou com a direção uma Feira do Livro, com o propósito de expor o protótipo do livro de meu filho “A maldição da montanha”. Na tentativa de buscar patrocinadores para sua obra, convidamos o jornal local para cobrir a feira da escola, onde meu filho foi homenageado. No entanto, não conseguimos patrocinadores, mas o sonho ainda sobreviveu por muitos anos.

Agora, casado e pai de três filhos, meu filho, morando em Belo Horizonte, realizou seu sonho. Em dezembro de 2016, fui até lá para acompanhá-lo enquanto ele levava seu primeiro livro para edição. Contudo, sua letra ainda continua horrível.

Quero tê-la em meus braços

Elenira Jéssica Pereira



Era uma manhã quente de verão e algo estava prestes a acontecer. Algo que mudaria drasticamente aquele dia e a minha vida.

Eu estava grávida de cinco meses e uma semana. Com apenas 16 anos, estava prestes a me tornar mãe. Era inexperiente, mas estava muito feliz.

Eu e meu companheiro acordamos cedo e fomos ao comércio de sua irmã, uma pequena e humilde fruteira. Estávamos muito felizes quando, de uma hora para outra, comecei a sentir dores horríveis. Apavorada, comecei a chorar, sabia que algo

errado estava acontecendo a mim e ao meu bebê. Meu marido, desesperado, junto com o seu cunhado, me colocaram no carro e correram até o hospital municipal.

Chegando lá, me levaram direto ao CO, onde, por coincidência, trabalhava uma enfermeira muito amiga de minha mãe. Essa senhora me conhecia desde bem pequena e, quando me viu naquele estado, ficou sem ação, mas depois foi me ajudar a subir na maca. De repente, ao levantar a minha perna, minha bolsa acabou estourando e, com os olhos cheios d'água, essa amiga de minha mãe falou: - Eu sinto muito! Sinto muito mesmo!

Fui levada para uma sala de observação, onde se encontrava uma moça que tinha induzido o próprio aborto. Quando fui internada, era apenas onze da manhã, e o que tinha acontecido até então era só o começo de meu sofrimento e agonia.

Os médicos quase não iam me ver e, quando iam, diziam que não tinha mais nada a se fazer a não ser esperar. E foi o que fiz. Esperei, esperei e esperei, mas as dores só aumentavam e, cada vez que aumentavam, me davam mais e mais remédios fortes. E aquela mulher ao lado! Meu Deus! Não parava de gritar, mas, pelo fato de ela ter provocado aquela situação, acho que as enfermeiras não a atendiam de propósito.

As horas passavam, a dor aumentava e mais remédios me davam. E, apesar de todo esse sofrimento, ainda conseguia senti-la! Eu a sentia se mover muito, mas era um movimento que, a meu ver, era de agonia ou sofrimento. Sentir meu bebê desse jeito e não poder fazer nada era desesperador.

Lá fora, minha mãe e meu marido aguardavam notícias. A médica, insensível, perguntou à minha mãe se eu havia provocado o meu aborto. Minha mãe, com raiva, olhou bem para a cara dela e perguntou: - A senhora acha que uma menina que estava preparando o enxoval para o bebê, que estava feliz e que tinha

todo o apoio da família faria isso? A médica ficou sem palavras e depois pediu desculpas.

Na sala do CO, fria, escura e barulhenta, eu ainda me encontrava. Estava assustada, com dores e sofrendo cada vez mais. Eu cheguei a vomitar várias e várias vezes no chão de tanto remédio que tomei. E o meu bebê cada vez menos se mexia! Naquele momento, percebi que era tarde demais, pois, por volta das três da madrugada, já não o sentia mais. Quando finalmente as dores se acalmaram, pude dormir.

De manhã bem cedo, a médica adentrou o quarto e disse: - Vou fazer um exame de toque em você! Confesso que o jeito que ela me abordou me soou um tanto frio. Durante esse tal exame, ela me pediu para fazer força, mas que força? Eu estava fraca e vulnerável naquela hora! Então, durante o procedimento, fiz a tal força e, de repente, a doutora puxa minha filha de dentro de meu ventre! Fiquei sabendo o sexo nesse fatídico dia. A médica a puxou pelo queixo e eu nem a senti sair de dentro de mim. Após isso, entrou uma enfermeira com um pequeno saco preto e, quando a doutora fez menção de colocar minha bonequinha, com 250 gramas e 25 cm, dentro daquele saco, eu surtei! Comecei a gritar e chorar para não a levarem, e aquela doutora desgraçada gritava comigo dizendo que ela estava morta!

Depois, um pouco mais calma, eu pedi à médica para segurar minha filha pelo menos uma vez! Ela respondeu: - Não dá, tenho que levar o corpo imediatamente para o legista! Meu Deus! Ela tirou meu chão, e, na minha frente, colocou minha filha naquele maldito saco preto junto com a placenta, como se minha pequenina fosse lixo! Eu não desejo essa situação nem ao meu pior inimigo. Eu nunca peguei minha princesa no colo e, pior, nunca encontrei seu corpo para poder sepultar. Esse é um fato que jamais esquecerei. Pois, na sua passagem rápida por esse

mundo, minha pequena Duda me fez ser a mulher, a mãe forte que sou hoje!

De Goiás para o Rio Grande do Sul

Esdras Santana da Silva



No ano de 2006, eu, minha mãe, meu irmão e minha irmã morávamos na casa de minha mãe, no estado de Goiás. Mas, depois de certo tempo separada de meu pai, minha

mãe conheceu meu padrasto, que mora em Sapucaia do Sul e que, por sorte, também estava separado de sua ex-companheira.

Eles se conheceram por SMS e acabaram dando certo. Após alguns meses conversando por mensagens, minha mãe decidiu ir morar com ele. Contudo, no primeiro momento, ela teve receio de trazer eu e meu irmão e então nós ficamos sob os cuidados da minha avó durante um ano.

Depois desse período, ela foi nos buscar para irmos morar com ela. Fiquei um ano em Sapucaia, depois voltei para minha terra novamente. No entanto, acabei por voltar outra vez para o sul, fiquei dois anos e retornei para minha terra natal.

Mas realmente o mundo dá muitas voltas e minha mãe me fez mudar, ser um rapaz diferente das vezes anteriores que morei em Sapucaia, quando eu somente estudava, mas não trabalhava. Em 2014, minha vida mudou para melhor, porque minha mãe me buscou para voltar a morar com ela. Ela queria que eu retornasse aos estudos e arrumasse um emprego e, graças a Deus, foi como ela queria: voltei a estudar, concluí o ensino fundamental

e consegui meu primeiro emprego com carteira assinada. Hoje estou diferente de anos atrás e tenho tudo que eu preciso. No momento, estudo no IFSUL Sapucaia do Sul.

Motivação

Fátima Elaine Borges Moraes



Há pouco tempo, com 42 anos, fui chamada pela secretária da escola onde meu filho fazia um curso de administração. O assunto não foi muito bom, pois meu filho não frequentava o curso e iria perder o dinheiro que já tinha investido nos estudos.

A secretária me deu uma sugestão, para que eu fizesse o curso no lugar dele. No início, fiquei na dúvida, pois há vinte anos que não pegava um caderno, mas decidi que queria um futuro melhor e mostrar para meus filhos o quanto era importante estudar.

No terceiro dia do curso, o professor falou sobre uma prova, “uma oportunidade” para cursar o ensino médio. Fiquei muito empolgada, mas, ao mesmo tempo, não acreditava que conseguiria passar, fazia muito tempo que estava fora da escola. Além disso, se eu passasse, seria difícil tirar um tempo para o estudo, porque trabalho muitas horas. Também a distância era um problema, pois precisava pegar dois ônibus. E, por fim, os compromissos familiares também dificultavam meu retorno aos estudos.

Então, dias depois, fiquei sabendo que fui aprovada e chamada na escola. Nossa, fiquei muito feliz! Não foi fácil no início, não tinha muito conhecimento, me sentia perdida, mas fui acolhida pelos colegas e hoje sinto que foi a melhor decisão da

minha vida.

Minha maior motivação são os meus filhos e a vontade de mostrar que nunca é tarde para ir em busca dos sonhos e do conhecimento.

Como a vida muda

Franciele Lopes



Todas as pessoas têm uma história que merece ser contada. Seja ela feliz ou triste, sempre aprendemos algo positivo.

Minha mãe ficou grávida aos dezoito anos. No entanto, as pessoas só ficaram sabendo quando ela passou mal, foi levada para o hospital e eu nasci. Aconteceu com ela uma situação que acontece até hoje com muitas meninas: elas têm filhos cedo e os seus pais acabam criando.

Quando eu era pequena e minha mãe ainda estava na adolescência, ela foi embora. Me deu um beijo na testa e disse que ia ao centro pagar umas contas e não retornou. Assim, fiquei morando com meus avós e com a tia Flávia, que tem problemas neurológicos. Tudo que aprendi sobre educação e respeito foi com eles. Um tempo depois, quando minha mãe voltou, estava casada e grávida de sete meses do Júlio, nome escolhido em homenagem ao meu avô.

Logo depois, minha vó adoeceu e foram quatro meses no hospital. Nunca tinha passado por algo parecido e presenciado tantas situações horríveis. Na última vez que vi minha vó, eu

estava na aula e minha mãe me buscou para ir ao horário de visita no hospital. Ela ficou feliz em me ver, apesar de estar com a perna amputada. Dia vinte e três de agosto, ela faleceu. Não sei de onde tirei forças para suportar tudo isso. Nessa fase, minha mãe estava grávida de novo.

E, no dia primeiro de maio do ano seguinte, tia Flávia e eu presenciamos a morte do meu avô de maneira estúpida. Ele estava bem, mas acabou falecendo de um infarto fulminante oito meses depois de minha vó. Então, minha vida mudou radicalmente. Eu e a tia Flávia passamos a morar com a minha mãe. Foi doloroso, perdi tudo que eu tinha em tão pouco tempo, perdi meu porto seguro.

Mas ficou a boa lembrança de meus avós. Hoje eu sou tudo o que eles mais queriam. Estudei, me formei, tenho uma profissão e a exerço há mais de cinco anos. E, sempre quando tenho tempo, fico em casa mimando os manos e incomodando a tia Flávia.

Amor maior do mundo

Gilnei Rodrigues



No dia vinte e dois de março de dois mil e onze, foi quando percebi quão grande pode ser o amor. Estava trabalhando, mas já me preparava para conhecê-la naqueles dias. Tinha certeza que seria amor à primeira vista, tipo aqueles que só acontecem em filmes, mas dessa vez aconteceu comigo.

No final da tarde de uma terça-feira, recebi uma ligação de uma pessoa que mandou eu me preparar para encontrá-

-la. Sai correndo da empresa e fui para casa tomar um banho e preparar as coisas para sair.

Cheguei ao local marcado, ansioso pelo acontecimento, mas ainda tive que esperar até às dezoito horas para vê-la. Na hora, bateu um pavor por ser a primeira vez. Fiquei meio perdido, sem saber o que fazer, mas consegui deixar tudo encaminhado.

Tudo estava preparado, já era dezoito e quarenta e cinco, e nada. Eu andava para lá e para cá, roendo as unhas, até que me chamaram. Entro na sala toda branca e tudo estava preparado para o nascimento de minha filha Isabella.

Exatamente às dezenove horas e nove minutos, ela nasceu perfeita e muito linda. Esse é um amor que não tem explicação, pois, com toda certeza, daria a minha vida para salvar a dela.

Hoje ela está com seis anos e nos dando todo o carinho e amor puro e verdadeiro que uma criança sente, alegrando nossas vidas. E, certamente, ainda nos trará muitas alegrias para comemorarmos com ela.

ANJO

Um lindo presente que o Senhor nos deu,
Um rico Anjo que desceu do céu
Com um olhar cativante e um sorriso
Lindo e brilhante,
Que cativa a todos em apenas alguns instantes
Delicada, carinhosa e tão amorosa
Que chega ser um espanto
Beijos, carinhos, amassos e muitos abraços
Que são distribuídos para os mais chegados
Ela nos ensina a cada dia que passa
O verdadeiro amor que nunca acaba
Minha filha querida, que nos mostra

O verdadeiro amor da vida
Te amo pra todo sempre
Minha querida filha Isa.

Bodas de Prata

Giovana Maciel



Meu marido e eu começamos a namorar com 16 anos de idade. Passaram-se dois anos e eu engravidei. Éramos muito jovens e não falávamos ainda em casamento. Como seria então? Contudo, nos amávamos e assim, sem nenhuma dúvida e com muitos medos resolvemos casar e juntos criar nossa filha.

E dessa forma começamos nossa vida de casados... a três, com muitas dificuldades, imaturidade e muitas brigas. Hoje, depois de vinte e cinco anos juntos, ainda mantemos um pelo outro o mesmo amor intenso da juventude.

Quando decidimos compartilhar nossas vidas um com o outro, dividimos a beleza de um novo amanhecer, as alegrias, as tristezas, as descobertas e não sabíamos o que o futuro nos reservava. Construimos nosso casamento com bases sólidas, pois nossa felicidade dependia de nós mesmos.

Hoje temos um casal de filhos adultos e de presente ainda ganhamos uma neta linda, atualmente com três anos. Ela veio como um presente, para alegrar mais ainda nossa vida.

De todos os sentimentos existentes, o amor é certamente o mais forte deles, pois consegue unir sonhos, realidade e ideais. Nós dois vivemos isso na prática. O primeiro beijo, o primeiro

toque, o primeiro “Eu te amo” ainda estão vivos em nossas lembranças. Eu só sei amá-lo desde o dia em que nos conhecemos e o amo mais a cada dia que passa. Ele é minha felicidade, o meu grande e verdadeiro amor.

Acontece

Jane de Freitas Bitencourt



No momento oportuno, as coisas da vida começam a fazer sentido e a serem explicadas por si só.

Morava eu numa cidade no interior - Cachoeira do sul, capital do arroz. Lá fui feliz ou senti aquilo que eu entendia por felicidade.

Dessa forma, eu fiquei muito triste de ter de sair da minha cidade. Porém, foi por um motivo bom, pois casei e tive que ganhar o mundo com meu marido.

Vimos para Sapucaia do Sul no ano de 1987, porque o serviço era escasso e o comércio pequeno na minha cidade natal.

Em Sapucaia, fomos felizes desde a chegada e arrumamos trabalho: ele na indústria e eu no comércio da cidade. Trabalhamos sempre, nunca ficamos desempregados e logo compramos nossos terrenos, nossas casas e abrimos um comércio nosso.

Hoje somos muito felizes por termos conseguido alcançar nossos objetivos na questão financeira, mas tivemos muito trabalho. Sou grata a Deus por tudo.

No 5º e no 10º ano de casamento, nasceram meus tesouros, que são meus filhos. Para nós, eles são nosso bem mais precioso. Eu aprendi e aprendo muito com eles e tenho certeza que meu

neto vai me ensinar mais ainda. Com oito meses de idade, já me faz sentir sentimentos maravilhosos.

Ser mãe

Jeanine Moraes



Quando parava para pensar, não me imaginava casando tão cedo e muito menos tendo filhos. O que eu queria para mim, antes disso, era terminar meus estudos e trabalhar, mas não foi isso que aconteceu.

Conheci meu marido em 2007, e começamos a namorar. Logo depois, nos casamos e, pouco tempo após, engravidei da minha primeira filha- Emilie, que nasceu em 2008.

Sendo tão nova, com apenas 16 anos, não pensava que conseguiria cuidar dela, tinha muitas dúvidas e era inexperiente, não sabia se seria uma boa mãe. Mas, com o tempo, fui aprendendo e, cada vez mais, me sentindo segura para cuidar e ensinar ela.

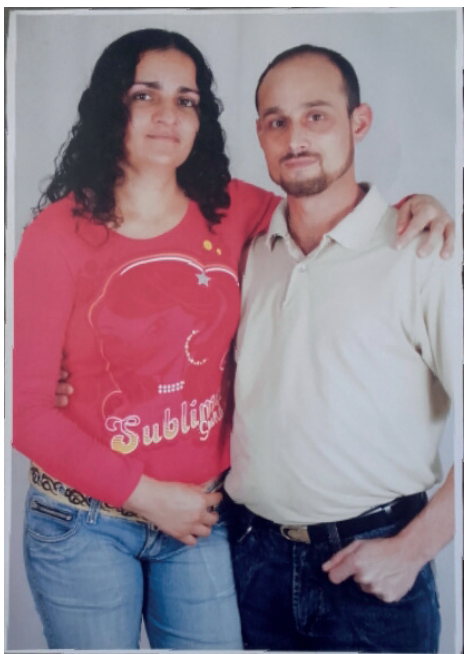
Após dois anos de seu nascimento, retornei a estudar, tudo ia bem e eu queria terminar meus estudos. Um ano e pouco depois de ter retornado à escola, veio uma nova surpresa: eu estava grávida novamente de outra menina, que nasceu em 2011 e se chama Luísa.

Assim, mais uma vez, parei de estudar para me dedicar a elas, mas não me arrependo, pois, quatro anos depois, retornei e aqui estou no IFSUL. Contudo, dessa vez tudo vai dar certo e irei concluir meus estudos e me formar e minhas filhas vão estar

aqui junto comigo para ver.

Mensagem aleatória

Josilene Cruz de Santana



Em meados de outubro do ano de 2006, eu morava no estado de Goiás e estava em um momento muito instável de minha vida, com uma necessidade particular urgente de me mudar de cidade ou de preferência de estado.

Na época, eu não estava me relacionando bem emocionalmente com ninguém, mas, no coração, havia uma necessidade de ter um alguém, de encontrar uma pessoa especial para preencher o vazio em minha vida, mas es-

tava sem perspectiva de conseguir.

Foi então que tive uma ideia muito louca e repentina. Estando eu naquele momento com o celular na mão, simplesmente do nada comecei a digitar um pequeno e breve texto na caixa de mensagem, em que eu especificava como era, minhas características, minha personalidade e um pouco do que eu mais gostava. Falava também do que eu esperava do caráter do meu futuro novo amor. Após a mensagem finalizada, digitei aleatoriamente um número de um celular com DDD 51. Então enviei a mensagem e deixei que o universo trabalhasse a meu favor.

Isso foi ao cair da tarde. A noite veio, o dia amanheceu, se foi toda a manhã. Assim, já estava perdendo as esperanças de que minha mensagem teria caído em algum celular de alguém que estivesse livre, solteiro e que tivesse os mesmos ideais amorosos

que eu.

No dia seguinte ao envio da mensagem, me deitei na cama ainda com alguma esperança de que esse alguém que recebera minha mensagem desse um sinal de vida, pois afinal já se passara quase vinte e quatro horas. Então, tamanha foi minha surpresa quando ouvi um toque de mensagem. Peguei o celular, aflita e muito curiosa, e lá estava um número desconhecido com o DDD 51. Mais que depressa, com o coração acelerado, passei a ler a mensagem. Nela ele dizia seu nome, suas características, seus gostos pessoais, que, por coincidência ou não, eram muito parecidos com os meus. Por mais incrível que pudesse parecer, ele tinha todos os requisitos que eu havia mencionado na mensagem, não conseguia acreditar que aquilo realmente estava acontecendo comigo.

A partir desse dia, nós passamos a nos comunicar através de mensagens e posteriormente por ligações. Embora ainda muito distante, contávamos sempre um com o outro nos momentos mais difíceis e nos mais felizes também. Foi nascendo a princípio uma linda e sincera amizade com muita cumplicidade, até que foi se transformando pouco a pouco em um amor muito profundo entre nós.

Então, na noite da virada do ano de 2005 para 2006, recebi o primeiro convite para ir morar com ele. Meu coração aceitou a proposta, mas eu não poderia agir apenas levada pela emoção, precisávamos de mais um tempo para nos conhecer melhor, até termos a plena certeza de tudo que queríamos.

Não havíamos nem mesmo trocado fotos; contudo, sentíamos um profundo amor verdadeiro. Quando decidimos que era hora de trocar fotografias, eu mandei primeiro. Ele gostou e me enviou em seguida as dele. Eu, claro, amei também. Depois de vermos as fotos de cada um, o nosso amor se intensificou e

chegamos à conclusão de que já não viveríamos mais um sem o outro.

Começamos então a tratar do nosso encontro. Decidimos que não ficaríamos simplesmente num só encontro, mas sim que iríamos morar juntos, pois afinal já nos sentíamos seguros o bastante para essa responsável decisão. Até que, após um ano e alguns dias, especificamente no dia 4 de novembro do ano de 2006, eu desembarquei na Rodoviária de Porto Alegre. Finalmente nós nos encontramos e tivemos a imensa felicidade de viver na prática esse amor. Nos primeiros dois meses, não trouxe meus filhos, mas, depois de algum tempo, percebi que a nossa relação era sólida e que eu podia buscá-los.

Faz mais de dez anos que estamos juntos e felizes, apesar da forma um tanto estranha que nos conhecemos. Eu ainda o amo como no primeiro dia em que o vi, temos uma relação muito respeitosa e afetuosa, e espero que Deus possa conservá-la assim. Atualmente, eu, ele e meus dois filhos estudamos no Instituto Federal. Nunca foi nem está sendo fácil suportar a dor da saudade do meu neto, da minha filha e de todos os demais familiares que deixei de estar perto, mas tudo isso foi em nome de um grande amor.

Hoje somos felizes e nos esforçamos a cada dia para manter essa nossa linda história. Nem todos os livros do mundo conseguiriam expressar o tamanho desse verdadeiro sentimento, mas quis aqui nestes pequenos trechos externar o quão feliz e grata sou por ele fazer parte da minha vida e morar em um lugar muito especial em meu coração.

Minha história de amor

Jusseli Andréa Lasta



Há vinte e cinco anos atrás, em Bela Vista Segredo, eu morava com meus pais e minhas irmãs. Certo sábado, vinte e cinco de janeiro, aniversário de meu primo Valmir, fomos todos da família comemorar. Tomamos todas e decidimos ir a um baile de rainha de damas. Em Bela Vista, todo mês tem jogo de bolão com as mulheres da comunidade. No final do

ano, todas jogam e quem faz o maior ponto fica sendo a rainha.

Chegando lá, eu, minha mãe e minhas amigas começamos a nos divertir. De repente, lá pela madrugada, vi um belo rapaz parado no canto da sala. Eu estava dançando quando ele me olhou e eu olhei para ele... Acabou o baile, fomos todos para casa e ele saiu de moto cantando pneu.

Alguns dias depois, havia outro baile de sociedade e lá fomos nós de novo. Começou o baile e eu estava tomando uma cerveja. Quem eu vi chegando na porta? Ele, o belo rapaz! Ele pisou no meu pé e me convidou para dançar. Dançamos a noite toda... Quando acabou o baile, eu fui pra casa, e ele, para casa dele.

Depois começamos a nos encontrar nas festas, nos jogos de futebol nos domingos à tarde e nos bailes. Então começamos a namorar. Eu tinha dezenove anos e ele foi meu primeiro namorado. Meus pais aceitaram o namoro. Depois de quatro anos e seis meses, nos casamos. Construimos uma vida juntos. Começamos do zero, sem nada, pagando aluguel e comprando as coisas aos

poucos para a casa. Depois de seis anos de casados, planejamos minha gravidez. Então venho a minha princesa Alessandra, que hoje tem quinze anos.

A felicidade parecia estar completa, mas faltava a nossa casa. Depois de a minha filha estar com dois anos, conseguimos comprar a casa e um carro. Ficamos muito felizes. Quando a Alessandra tinha seis anos, engravidei novamente e veio o nosso príncipe Alísson, que hoje tem nove anos.

Assim, nossa felicidade estava completa. A nossa vida continua e já estamos completando 21 anos de casados.

Tudo tem seu tempo

Kathleen Fagundes Carvalho

Há dez anos, estávamos eu e três amigas comendo batata-frita



e planejando com que roupa iríamos a uma festa que aconteceria naquela noite. Estávamos ansiosas para a festa. Então fomos para minha casa buscar mais algumas roupas. Estávamos de bicicleta, duas em cada uma e minha amiga estava me carregando no guidão da bicicleta. Quando passamos pelo quebra-molas, caímos, foi

uma para cada lado e as roupas se espalharam. Foi muito engraçado, apesar de termos ficado esfoladas do asfalto.

Eu, como esfolei todo um lado da perna e torci o pé, acabei não indo na festa. Assim, fiquei muito brava e chateada na hora, pois esperava há meses pela festa e ia conhecer um guri que eu estava conversando pelo MSN.

Passaram algumas semanas e eu saí com algumas amigas. Uma delas me apresentou um amigo que era justamente o guri que eu deveria ter conhecido no dia da festa. Ficamos conversando e ele tentou me beijar, mas eu não quis, pois nem tinha achado ele bonito pessoalmente “kkk”. Fiquei enrolando ele mais ou menos uma semana. Todos os dias ele mandava um amigo ir me convidar para sair e eu nunca ia.

Então, no dia 23 de janeiro de 2007, ele mandou entregar na minha casa uma cesta de café da manhã com um cartão me convidando para jantar. Liguei para ele e disse que iria. Depois desse dia, começamos a nos ver todos os dias e estamos juntos até hoje. Ele é meu marido, meu amor. Por isso acho que tudo na vida tem seu tempo certo de acontecer.

Alguns anos atrás

Kethlyn Luísa Massena Patrício



Há alguns anos atrás, quando era criança, eu e meu irmão estudávamos na mesma escola. Essa escola era longe da nossa casa, então tínhamos que pegar ônibus para ir até lá.

Próximo à nossa, havia outra escola, e lá estudavam uns meninos que ficavam mexendo com quem estudava na nossa escola. Esses meninos pegavam o mesmo ônibus que nós.

Certo dia, eles desceram na mesma parada que eu e meu irmão descíamos todos os dias. Uns três meninos prensaram meu irmão na parede para bater nele. Na hora, eu fiquei muito nervosa e fui correndo para casa chamar a minha mãe. Quando chegamos na parada, os meninos já tinham ido embora e meu irmão estava

chorando.

Naquele momento, ficamos muito nervosas, e, com tudo isso, aprendi que, não importa qual seja a situação, temos que permanecer unidos em qualquer circunstância. Hoje em dia, damos muitas risadas desse acontecimento.

O velho Santana

Luís Roberto Echamende



Há alguns anos atrás, eu pensei em comprar um carro, mas, como não tinha dinheiro e muito menos o nome limpo na praça, tive que me contentar com uma condução sobre rodas: um Santana 87, azul, feio de lataria e pior ainda de forração interna, mas muito bom de motor.

Lembro-me como se fosse hoje das viagens que fiz e dos problemas que ele me causou. Uma vez o alternador pifou e fiquei sem bateria em pleno centro de Novo Hamburgo. Imaginem a cena: eu empurrando o carro para fazer pegar no tranco, que vergonha! E outra vez, indo para a cidade de Arroio dos Ratos, me caiu o parafuso da barra de estabilidade do carro, e o bicho dançava na estrada. Quando acelerava, ia para um lado e, quando freava, ia para o outro, muita loucura essa viagem! Mas muitas coisas boas ele também me proporcionou: idas para a praia ou subidas para a serra.

De fato, o Santana era guerreiro, e muitas lembranças ainda tenho dele, pois, além de ter sido o meu primeiro carro, ele pertenceu a um grande amigo muito especial, o melhor farofeiro

que já vi, sempre pronto para curtir um fim de semana na praia, com direito a galinha frita e cooler de cerveja.

Amor eterno

Márcia Regina de Borba Ajalla



Meu pai era uma pessoa muito especial, que amava mais que tudo seus filhos. Somos oito irmãos, seis meninas e dois meninos e sempre fomos muito unidos. Ele sempre nos ensinou a nos amar. Certo dia, sentiu uma dor forte no peito. Então corremos para o hospital, onde ele ficou baixado para fazer um monitoramento cardíaco, pois foi detectado que poderia lhe dar um infarto.

Cuidei de meu pai no hospital uns quinze dias. Isto foi em começo de novembro de 2007. No dia vinte e três de dezembro, ele tinha uma consulta com o cardiologista. Para poder ir fazer a consulta, a médica lhe deu alta no dia vinte e dois às dezenove horas. Eu, muito contente de levá-lo para casa, nem imaginava o que estava para acontecer. Liguei muito feliz para meu irmão ir nos buscar no hospital, pois ele tinha ganhado alta.

Chegamos à casa dele por volta de umas vinte horas, ajudei ele a tomar banho, arrumei sua janta, coloquei ele na cama, dei um beijo nele para ir para minha casa e falei: ‘volto amanhã para te levar ao médico’. Ele me falou sorrindo: ‘dá um beijo nas crianças’.

Retornei para minha casa contente por ele não estar mais no hospital. Fui dormir achando que tudo estava resolvido. Mas,

para minha surpresa, meu telefone tocou. Era umas cinco e trinta da manhã quando minha irmã me avisou que meu pai havia passado mal e estava novamente no hospital aguardando resultado de exames. Por volta das sete e trinta, tocou novamente meu telefone. Era minha irmã dizendo que ele havia piorado, que não queriam deixar ela ver ele e que meu irmão estava indo me buscar.

Quando chegamos ao hospital, minha irmã estava apavorada, pois achava que meu pai havia falecido. Entramos na sala de emergência e vimos o nosso pai deitado numa cama e médicos em volta dele tentando reanimá-lo, pois ele havia sofrido um enfarto e uma parada cardíaca. Ficamos apavoradas, sem saber o que fazer. Depois de mais de uma hora, conseguimos falar com o médico, que nos informou que ele iria para a UTI e que não poderíamos vê-lo até segunda ordem.

Estávamos à espera de notícias quando abriu uma porta e dela saiu uma maca com meu pai deitado e junto com ele enfermeiras segurando um balão de oxigênio. Tentamos nos aproximar, mas elas não deixaram. Só consegui tocar no braço dele, e elas se foram com meu pai querido. Lá pelas vinte e duas horas, conseguimos entrar na UTI e ver nosso pai. Ele estava todo entubado e gelado. Acho que até hoje nunca senti uma dor tão grande. Ali começou nosso sofrimento. Foram dezenove dias de muita dor e tristeza para filhos, esposa, netos, genros, irmãos, para todos que lhe conheciam. Acho que ele ficou ali para que nós nos acostumassemos com a ideia de que íamos ficar sem ele. Foram dias de muito sofrimento e esperança de que ele ficasse bom.

Foi então que o médico disse que não teria mais volta, que era só esperar o dia de ele partir. Em doze de dezembro, veio a notícia que nos não queríamos: meu pai veio a falecer. Hoje faz nove anos que ele se foi, mas parece que continua conosco de

tão grande que era nosso amor. De fato, ele faz muita falta e em tudo que nós fizemos ele esta presente. Nossas lembranças dele são as melhores. Amor sem fim e sempre eterno: Nelson Souza Ajalla, meu pai.

O susto

Marco Aurélio Silva de Castro



O susto aconteceu pouco tempo depois de meu retorno ao

Rio Grande do Sul, quando meu amigo Paulo resolveu pegar um aparelho detector de minérios que meu pai havia comprado.

Seguindo histórias contadas por moradores, conseguimos localizar o local aproximado

de onde poderia haver um provável pote com moedas antigas (tesouro). Mas o inesperado aconteceu. Enquanto o aparelho ligado começava a dar sinal mais forte, mais acelerado nos seus sinais de bip à medida que se aproximava do local indicado, coisas em nossa volta iam mudando, tal como um silêncio total. Não se ouviam mais os pássaros e nem sequer vento tinha mais.

Então desligamos o aparelho, fazendo-se assim um absoluto silêncio. Foi quando de repente, como se fosse chuva, caiu sobre nós um mundo de folhas que cobriram todo o chão, e novamente houve silêncio por mais uns segundos. Depois escutamos um estrondo forte, como se uma enorme pedra rolando estivesse vindo em nossa direção. Era um barulho muito forte, que se aproximava rapidamente, mas não havia vento algum. Arbustos se abriram como dando passagem a algo grande, mas tudo ces-

sou quando chegou bem próximo de nós.

Eu caí sentado, enquanto Paulo, ainda gritando, corria em meio aos arbustos, deixando para trás o aparelho. Levantei rápido e catei o equipamento na corrida. Lembro-me de ter chegado em casa todo arranhado e branco pelo grande susto que levamos. Quanto ao Paulo, ele comprou as terras onde aconteceu este episódio e não deixa ninguém chegar perto do lugar. Além disso, fica todo arrepiado quando lhe perguntam sobre o fato ocorrido.

Meu pai

Maria Aparecida Leocádio



Meu pai era uma pessoa de bem com a vida, era agricultor, trabalhador da terra. Tínhamos uma vida simples, mas feliz. Quando eu tinha onze anos de idade, ele resolveu mudar de profissão, sendo que de agricultor foi trabalhar nas minas de carvão, porque queria dar uma vida melhor para nossa família.

Assim, mudamos de cidade e fomos morar em uma casa pequena na zona urbana. No entanto, tivemos muitas dificuldades. Meu pai tentava manter o sustento da família, mas o salário que ele ganhava não era suficiente. Estávamos acostumados a tirar o sustento da terra, mas na cidade era preciso comprar tudo. Na lavoura, não tínhamos problemas com a falta de alimentos, pois tínhamos de tudo, desde o leite até a carne. Então foram meses

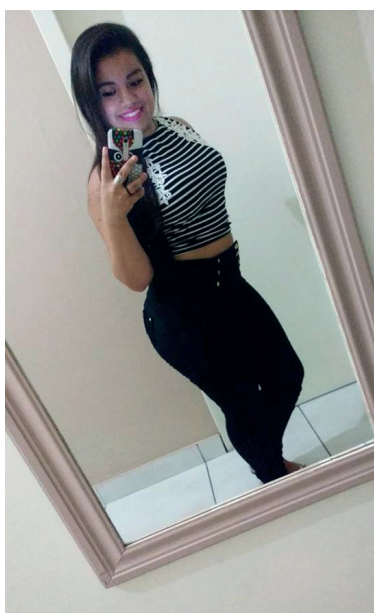
de muita tristeza. E, para piorar, meu irmão, que era bebê, ficou muito doente e passou quarenta dias no hospital. Os problemas aumentavam cada vez mais.

Contudo, meu pai não perdia a sua alegria. Ele era como o sol, pois quando ele chegava o nosso dia ficava mais alegre. Um dia, porém, esta alegria terminou. Como de costume, meu pai acordou e foi para o trabalho. Era quatro horas da manhã, pois seu turno iniciava às cinco. Eu não sabia, mas aquele seria o último dia que veria meu pai vivo.

Por volta das nove horas, vieram nos dar a notícia de que meu pai havia morrido esmagado por uma pedra de 600kilos. Esse dia eu jamais vou esquecer: foi em três de dezembro de 1976, às sete horas da manhã. Por negligência de um capataz, meu pai perdeu a vida deixando seis filhos órfãos. Apesar de tantos anos terem passado, ainda dói muito a sua ausência. No entanto, quando me lembro da alegria e do riso fácil dele, tudo muda, um calor invade minha alma e aí é como se meu pai ainda estivesse vivo.

Nova vida

Natália da Rocha Domingues



Aos quatro anos, meus pais descobriram que eu tinha uma doença rara, mais conhecida como a “doença do gato” e pensaram que talvez eu não sobrevivesse por ser muito nova.

Logo após, fui internada no Hospital de Clínicas em Porto Alegre e lá fiquei por 25 dias. Descobrimos que a doença se localizou nos rins. Comecei a fazer exames quase todos os dias e não podia comer comida de sal

até acertarem o remédio. Depois de várias tentativas que não deram certo, os médicos chamaram meus pais e falaram que poderiam tentar outro remédio, de uso adulto, e que, se não adiantasse, eu teria que fazer um transplante. No entanto, com qualquer uma das possibilidades, eu correria risco.

Foi então que meus pais aceitaram e comecei a tomar o novo remédio. Depois de alguns dias, fizeram exames para saber o resultado e, graças a Deus, deu certo, não precisando, assim, do transplante. Dessa forma, chegou o tão esperado dia de ir para casa, mas não de estar curada. Foram anos tendo todo um cuidado, não podendo comer comida de sal e ter animal de estimação, tomando remédio, tendo consultas e exames frequentes. E assim foi por anos. Hoje, com 20 anos, estou curada e há pouco tempo tive alta do hospital.

Depois de praticamente nascer de novo, só tenho a agradecer a Deus por essa oportunidade e a meus pais, que, apesar de todas as dificuldades, nunca me deixaram e sempre ficaram do meu lado lutando pela minha vida.

O grande dia

Patricia Tiele Oliveira Dias

Esta história começa no dia 28 de novembro de 1989 à meia noite. Quando imaginamos como nascemos, pensamos que é como nos filmes, em que a mulher corre para o hospital, faz duas ou três forças e vem aquele bebê lindo e gordinho ao mundo. Estamos errados!

Esta história vai contar como todas as outras histórias de minha vida foram possíveis, ou seja, vai tratar do dia do meu nascimento.

A minha mãe entrou em trabalho de parto ou começou a sen-

tir aquelas bonitas contrações ou cólicas por volta das cinco da manhã, mas tudo bem leve, sendo que os médicos haviam dito que eu era para o dia 11 de dezembro (kkk! A minha vó disse que iria só mudar a lua e eu daria as caras). Pois bem, naquela linda manhã de terça feira (amo terças feiras), minha mãe arrumou a bolsa calmamente, mandou meus irmãos para a escola e chamou meu tio Luiz (tenho saudades!) para levar ela ao hospital no seu Fusca (gente, tô velha!). Tudo bem até aí. Minha mãe nunca foi de sentir muito a dor do parto (que sorte né?).

Ao chegar ao hospital onde estava previsto para fazer o parto, descobriram que ele estava cheio, sem nenhum leito, nenhuma cadeira, nada onde ela poderia esperar ou me ganhar, porque a essa altura já era quase nove horas e a bolsa e tudo mais que podia estourar já tinha se rompido provocando uma correria do cão.

Assim, minha mãe e o meu tio pegaram o Fusca e foram para outro hospital, mas, graças a Deus, avisaram antes o médico. Após anestesia e todos os procedimentos, às 10h43min da manhã, eu nasci (linda, saudável e cabeluda), gritando a plenos pulmões. Contudo, como nem tudo são flores, os médicos, ao me retirar, também retiraram o meu quadril do lugar (pois é... serviço de qualidade...), o que viria a me causar dores nos meses seguintes.

Ao receber a notícia durante a aula, minha irmã foi para o pátio da escola gritando: “minha irmã nasceu, minha irmã nasceu”. Um coro de risos e alegrias também havia lá em casa após receberem a notícia.

Foram me visitar no hospital e foi uma confusão só, mas, no fim, tudo deu certo e voltei para a casa fora da barriga da minha mãe quatro dias depois para viver mais histórias engraçadas e emocionantes que só seriam possíveis após esse *grande dia*.

Sexta-feira treze

Sandra Silveira



Esta não é uma história de dia das bruxas, foi bem real, aconteceu numa sexta feira treze, véspera de feriadão de carnaval, quando um fantasma chamado morte assombrou meu caminho levando parte de mim.

Passava das vinte e três horas e trinta minutos e conversavam na frente da casa meu filho e um casal de amigos. A conversa estava descontraída e alegre e havia risos, que de meu quarto eu ouvia.

Repentinamente, os sons mudaram para estampidos de arma de fogo. Meu coração disparou e quase que instantaneamente levantei-me e cheguei ao portão.

O que vi desesperou-me: de joelhos e na mira de uma arma estava o casal e, pouco mais adiante, caído ao chão, meu filho e um monstro cruel e impiedoso atirando contra um corpo já caído.

Sem pensar, saí portão a fora para tentar salvá-lo. Conseguimos levá-lo com vida ao hospital, porém, meia hora depois, fomos informados de sua partida abrupta.

Até hoje, não entendo o porquê de tudo, nem os mistérios que envolveram sua partida, uma incógnita completa e sem solução humana.

O que me consola é a minha fé na palavra de Deus, como está escrito no livro de salmos 139:16 “Tu me viste antes de eu ter

nascido. Os dias que me deste para viver foram todos escritos no seu livro”.

Assim, crê meu coração que Tiago alegrou minha vida até o dia em que o Senhor o chamou para junto dele alegrar lá em cima, no céu. Ele me deixou um legado: viver intensamente todos os momentos da vida com um largo sorriso estampado no rosto.

Meu primeiro emprego

Thayanne Silva Haigert



Minha história é sobre o meu trabalho na FIBRAPLAC. A Fibraplac produz madeira para móveis e fica em Glorinha.

Fui trabalhar na empresa em quinze de setembro de dois mil e quinze porque queria aprender coisas novas, conhecer pessoas e receber salário. Lá eu conheci a Ana Paula, a Carlise e a Lidi, que agora tem um bebê.

Meu primeiro serviço na Fibraplac foi na cozinha, fazendo limpeza geral. Depois fui para o Setor de Reciclagem para aprender coisas novas. O horário de trabalho era das oito às dezessete e trinta. Eu fui selecionada pelo curso de informática do Senai.

Eu saí da empresa em dois de junho de dois mil e dezesseis porque fechou o Setor de Reciclagem. Sinto saudade do meu trabalho, principalmente das colegas.

Sim, depressão mata

Ynaê Franco Botelho



Há um tempo, quando eu tinha meus sete ou oito anos, minha mãe tinha uma amiga. Morávamos bem perto dela, não dava nem uma quadra de distância. Na época, ela era casada e trabalhava como taxista, junto com seu marido. Eram

jovens e ela tinha lá seus vinte e poucos anos. Naquele tempo, eu, criança, vivia na casa dela, passava mais tempo lá do que na minha própria casa, até posava com eles, principalmente depois que ela ganhou seu primeiro filho. Eu sempre ajudava nossa amiga a cuidar do garoto, adorava estar em sua casa, passávamos tardes assistindo programas infantis na sala.

Os anos se passaram e ela foi embora quando eu tinha uns treze anos, mas nunca perdemos o contato. Nesse meio tempo, ela se separou e se casou novamente com o homem que hoje é o pai do seu segundo filho, uma menina.

Mais tarde, fiquei sabendo que ela, desde nova, tinha problemas de bipolaridade e depressão. Os anos foram passando, ela perdeu a guarda dos filhos, não parava em lugar algum, vivia se mudando e a depressão só foi aumentando a cada ano que passava.

Logo ela voltou para a minha cidade e ficava mais tempo na minha casa do que na dela. Infelizmente, quando voltou, mal ficou entre nós. Ela estava muito abalada com tudo que se passava na vida dela, o que se agravava com a perda das crianças. Por fim, ela estava atrás de emprego e não conseguia nada, pois era

taxada como louca.

Foi então que, na semana do Natal de 2016, ocorreu uma tragédia, sobre a qual todos falavam nas redes sociais. Diziam que uma mulher teria cometido suicídio próximo a uma loja de fogos de artifícios. Teria comprado um rojão e estourado na boca. Quando começaram a espalhar a foto da vítima, fiquei sabendo que era ela. Sim, demorou para a ficha cair, sabe? Parece que aquilo não era real e pensava comigo: “Como pode isso? Há uns dias atrás ela estava aqui, contando aquelas piadas doidas, que só ela achava graça e quase morria rindo”.

Talvez você tenha escutado a respeito dessa tragédia, que ocorreu no final do ano passado, pelas redes sociais ou até mesmo no jornal da cidade. Era uma mulher nova, com aproximadamente quarenta anos. Deixou seus dois filhos, um com quinze anos e outro com sete anos.

Mack Léo Pedroso
Diretor-geral

Suzana Trevisan
Coordenadora do Projeto Histórias

Carlos Alexandre Wurzel
Diretor adjunto

Débora Taís Batista de Abreu
Organizadora e editora

Fábio Moraes Lemes
Chefe Departamento de Ensino

Coord. de Comunicação Social
Diagramação

Guilherme Reichwald Jr.
Coordenador Tec. Administração



Sapucaia do Sul, maio de 2017